

GUARDIÕES KAETÉ: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PELA NATUREZA

Francisco de Assis Andrade^{1, *}, Wesley Mello de Oliveira², Conrado Villa²

(¹ Prefeitura de Petrópolis, Rua Gaspar Gonçalves, 429, Quarteirão Brasileiro – Petrópolis RJ. CEP 25680-090, Brasil; ² Prefeitura de Petrópolis, Rua Professor Spartaco Banal, 204, Itamarati, Petrópolis - RJ. CEP: 25710-021, Brasil; ^{*}Autor de correspondência: francisco.ufrj@gmail.com)

RESUMO

O sistema educacional predominante favorece aulas expositivas em salas fechadas, desperdiçando o potencial das vivências dos alunos em ambientes naturais. O projeto Guardiões Kaeté busca integrar a educação à natureza, reconectando crianças e enfrentando a emergência climática. A metodologia adotada envolve o relato de experiência a partir de uma vivência experimentada ao longo de um ano letivo (2023) em uma escola pública do município de Petrópolis. Os resultados evidenciam o desafio de adaptar-se ao paradigma escolar tradicional, mas destacam o entusiasmo dos alunos e o apoio da direção escolar. A experiência se alinha com a literatura sobre educação pela natureza, enfatizando o desenvolvimento integral dos estudantes. Limitações como recursos financeiros e resistência docente foram superadas com parcerias locais e capacitações. O apoio da equipe gestora, o engajamento das famílias e a flexibilidade curricular foram fundamentais para o sucesso do projeto.

Palavras-chave: Educação pela natureza, Floresta-escola, educação ao ar livre.

INTRODUÇÃO

Mesmo diante de ambientes favoráveis a aulas ao ar livre como, por exemplo, em escolas perto de florestas, rios, riachos, fazendas, criação de animais e etc., o sistema educacional vigente insiste em aulas expositivas e fechadas nas quatro paredes da sala de aula, desperdiçando assim, um enorme potencial de aproveitamento das vivências dos próprios alunos destas comunidades bem como possibilidades de propor aulas mais dinâmicas, motivantes e interdisciplinares. Neste sentido, práticas inovadoras ainda são vistas com estranhamento e distanciamento nos currículos e nas práticas educacionais mais tradicionais, necessitando assim, serem mais exploradas e estimuladas no cotidiano escolar.

Outra característica das escolas modernas é a propagação do paradigma da disjunção e de redução (MORIN, 2007 *apud* GUIMARAES; GRANIER, 2017) em que os saberes são hierarquizados na perspectiva da cultura hegemônica e classificados como de “mais” ou “menos” importância, vistos de maneira isolada e descontextualizada, o que também contribui para a desconexão entre seres humanos, sociedade e natureza. Nas aulas ao ar livre podemos abordar temas relacionados a biologia (plantas, insetos, animais entre outros) geografia (relevo, agricultura e etc.), educação física (esportes de aventura como trilhas, escaladas, ciclismo, rafting e etc.) história e cultura local, e principalmente, de educação ambiental pois as práticas de educação ao ar livre, nesse sentido, se apresentam como um movimento de contracultura, como uma reação à crise socioambiental vigente e se expõe como elemento de retorno, de reencontro com o natural e evidenciando também sua complexidade (PEREIRA, 2022)

A partir das necessidades, cada vez mais evidentes, de reconexão homem-natureza, principalmente entre as crianças, que são cada vez mais prejudicadas pelos contextos de violência e emparelhamento das infâncias (TIRIBA; GUIMARAES, 2023) e considerando o quadro de emergência climática global, o projeto Guardiões Kaeté consiste na articulação

pedagógica entre abordagens que levem em consideração a Floresta como um sujeito de direitos e não meramente como recurso ou paisagem.

Diante deste enorme problema comum ao nosso tempo, em nossa proposta de Educação ao ar livre através da Floresta-Escola podemos perceber como atividades ao ar livre podem proporcionar a todos os seus praticantes experiências enriquecedoras e inovadoras em múltiplas instâncias tornando-se assim uma promissora ferramenta educacional. Espera-se assim construirmos em conjunto com a toda comunidade escolar, famílias, professores, funcionários e moradores do entorno, uma outra perspectiva para a Educação que saia da lógica da Educação bancária e do paradigma cartesiano.

METODOLOGIA

O relato de experiência é uma maneira de transmitir conhecimentos práticos e vivenciais que não podem ser capturados apenas por meio de teorias abstratas. Esse tipo de relato permite aos pesquisadores compartilhar suas observações, reflexões e aprendizados decorrentes de suas experiências no campo de estudo (MUSSI *et al*, 2021). Ainda segundo os autores, a subjetividade e a autenticidade são fatores importantes e fazem parte intrínseca da experiência humana e podem enriquecer a compreensão dos fenômenos estudados.

Neste sentido, Neira (2017) delega ao relato de experiência uma função importante na construção do saber científico sobre a educação, mas também enquanto importante artefato de caráter formativo. O autor afirma que:

O relato de experiência é um artefato importante nas atividades de formação inicial e contínua de professores, pois possibilita apreender as significações do autor sobre a efetivação do trabalho pedagógico, ou melhor, como concebe o que acontece e o que lhe acontece. (NEIRA, 2017, p.55)

Portanto, o relato de experiência foi utilizado neste estudo como ferramenta capaz de transpor as subjetividades e autenticidades dos autores em relação a experiência vivida em campo e como possibilidade formativa. A proposta foi implementada em uma escola pública do município de Petrópolis na região serrana do estado do Rio de Janeiro dialogando com o Projeto Político Pedagógico da Escola. As crianças participantes da intervenção eram do primeiro ciclo do ensino fundamental, em que todas as crianças da escola participaram do projeto durante o ano letivo de 2023.

As práticas pedagógicas de intervenção foram: Dia da floresta; compreende-se por incursões semanais à mata nos arredores da Escola Municipal Leonardo Boff, no bairro contorno, as margens da BR 040, do município de Petrópolis com a mediação dos educadores Kaeté e desenvolvimento de atividades ligadas ao contato com a natureza, sensibilização ambiental e resgates de saberes corporais ancestrais para além dos cognitivos.

Eco trilhas: integram-se nessa instância as visitas e incursões esporádicas a localidades mais distantes geograficamente das imediações do prédio da Escola, também com a presença e orientação dos educadores baseados no modelo de trilhas interpretativas, que permite a interdisciplinaridade de saberes a trabalho em conjunto com outros professores e com a comunidades escolar, a depender das possibilidades institucionais e temáticas trabalhadas ao longo do projeto.

Durante a trajetória do projeto, pensando no risco inerente as práticas ao ar livre com crianças, foi desenvolvido uma “Autorização de risco para atividades ao ar livre” bem como um “Questionário de Saúde para atividades ao ar livre” pautados em documentos e consultas durante a formação do curso de extensão “Vivência Formativa em Floresta-Escola” Também foram realizados procedimentos de mapeamento e gestão de risco no local em que se pretendia implementar as atividades. Foi usado, para este fim, o protocolo de “Análise

Preliminar de Risco-APR” desenvolvido pela *Outward Bound Brasil* (OBB), organização sem fins lucrativos que atua em diversos países com atividades de aventura ao ar livre. Após a autorização da diretora da escola e em conversa com alguns moradores do entorno, foi iniciado o preparo do terreno para a implementação da prática. Foram necessários alguns mutirões de manejo florestal afim de evitar riscos desnecessários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção realizada em uma escola pública de Petrópolis, RJ, teve como objetivo integrar a educação pela natureza (Floresta) ao Projeto Político Pedagógico da instituição, envolvendo crianças do primeiro ciclo do ensino fundamental ao longo do ano letivo de 2023.

Ao adotar a abordagem a lógica da floresta, foi escolhido priorizar o desenvolvimento integral dos estudantes, estimulando sua curiosidade, autonomia e habilidades de resolução de problemas. Optou-se por abandonar o modelo tradicional de sala de aula e apostar em aulas ao ar livre, em meio à natureza, permitindo que os alunos se conectem com o ambiente natural e sejam protagonistas de seu próprio aprendizado.



Figura 1 Crianças protagonizando a própria aprendizagem

Uma das principais dificuldades enfrentadas foi a adaptação ao paradigma escolar conteudista, dito por vezes como escola tradicional, e suas burocracias e amarras limitantes. O ambiente ao ar livre requer planejamento adicional para garantir a segurança, o conforto e a organização das atividades. Além disso o desafio em manter o engajamento dos alunos em condições climáticas adversas e em momentos de distrações naturais.

A estranheza que abordagens inovadoras podem gerar na comunidade escolar como um todo também é um desafio constante deste tipo de abordagem. Em particular, na aproximação com as famílias. Uma das maiores facilidades foi a receptividade dos alunos à abordagem da Escola da Floresta. Eles demonstraram uma grande empolgação em aprender em um ambiente tão diferente e se mostraram mais motivados e participativos nas atividades ao ar livre. Além disso, contar com o apoio da direção da escola foi fundamental para a implementação da abordagem. As experiências vividas na natureza trouxeram encantamentos tanto para os alunos quanto para os educadores. Observar a curiosidade e o fascínio das crianças ao descobrir novas espécies de plantas, animais e fenômenos naturais foi inspirador. Ver os estudantes desenvolvendo um profundo senso de respeito e conexão com a natureza foi uma experiência gratificante.



Figura 2 – Explorando e estabelecendo noções de risco

O relato de dialoga com diversas perspectivas da literatura sobre educação pela aventura na natureza, incluindo autores que discutem os benefícios do contato com o ambiente natural para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, por exemplo, Louv, (2016); Tiriba e Guimarães (2023). Kunreuther (2012) entre outros. Também se conecta com pesquisas que exploram a importância da integração entre práticas pedagógicas inovadoras e o projeto político pedagógico das escolas, visando uma educação mais significativa e contextualizada, por exemplo, Gadotti, 1998; Sacristán, 2000).

Os dados da experiência podem ser relacionados os desafios e oportunidades de implementar práticas de educação pela aventura na natureza em contextos escolares específicos, considerando aspectos como infraestrutura, formação de professores e apoio da comunidade e podem ser completados por estudos como Ferreira, *et al.* (2023); Karppinen (2012); Inácio, *et al.* (2016). Pereira & Armbrust (2010)

Se faz importante a reflexão crítica sobre as limitações da intervenção, como a falta de recursos financeiros e materiais adequados, a resistência de alguns professores à abordagem da educação baseada na natureza e a dificuldade de conciliar essa prática com os objetivos curriculares estabelecidos. Também ressaltamos as questões éticas relacionadas à segurança das crianças durante as atividades ao ar livre e a necessidade de garantir uma inclusão equitativa de todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou origens socioeconômicas.

Os resultados desta experiência podem ser explicados à luz de estudos que destacam a importância da liderança escolar e do apoio institucional para a implementação bem-sucedida de práticas inovadoras, assim como a influência do contexto social e cultural na adoção de novas abordagens educacionais.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que as principais limitações enfrentadas durante a intervenção incluíram a falta de recursos financeiros para equipamentos e materiais, a resistência de

alguns professores em adotar novas práticas pedagógicas e as restrições de tempo impostas pelo currículo escolar.

Para lidar com essas limitações, foram implementadas estratégias como a busca de parcerias com instituições locais para obter recursos adicionais, a realização de capacitações e workshops para professores sobre os princípios e práticas da educação pela aventura na natureza e a integração das atividades ao ar livre com os objetivos curriculares estabelecidos.

Entre os aspectos que potencializaram o processo, destacam-se o apoio da equipe gestora da escola, o entusiasmo e engajamento das crianças participantes e suas famílias, e a flexibilidade do currículo escolar para integrar atividades ao ar livre de forma interdisciplinar e contextualizada.

AGRADECIMENTOS

A secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Petrópolis, através do seu núcleo de projetos integrais, fez com que este projeto se tornasse possível. Também, a direção da Escola Municipal Leonardo Boff.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, V. A. *et al.* Formação docente e sistematização de conteúdos sobre as práticas corporais de aventura: uma pauta urgente. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 37, p. e37187669-e37187669, 2023.

GADOTTI, M. As muitas lições de Paulo Freire. 1998.

INÁCIO, H. L. D. *et al.* Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da base nacional comum curricular. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 168-187, 2016.

KARPPINEN, S. J. A. Outdoor adventure education in a formal education curriculum in Finland: action research application. **Journal of Adventure Education & Outdoor Learning**, v. 12, n. 1, p. 41-62, 2012.

KUNREUTHER, F. T.; FERRAZ, O. L. Educação ao ar livre pela aventura: o aprendizado de valores morais em expedições à natureza. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 2, p. 437-454, 2012.

LOUV, R. **A última criança na natureza**: Resgatando Nossas Crianças do Transtorno do Deficit de Natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

NEIRA, M. G. Análise e produção de relatos de experiência da educação física cultural: uma alternativa para a formação de professores. **Textos FCC**, v. 53, p. 53-103, 2017.

PEREIRA, D. W. Contribuições da Aventura para a Educação Física: caminhos da complexidade. **Connection line-revista eletrônica do univag**, n. 28, 2022.



PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Fontoura Editora, 2010.

SACRISTÁN, J. G. G. Tendências investigativas na formação de professores. **Revista Inter-Ação**, v. 25, n. 2, 2000.

TIRIBA, L.; GUIMARÃES, M. Infâncias, cuidado, liberdade, pertencimento: inspirações indígenas para uma pedagogia nativa. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 40, n. 2, p. 230-249, 2023.